

Já fiz contato várias vezes com os advogados, eles não respondem objetivamente. Assim que houve o incêndio, nós fizemos, assinado pela síndica, um ofício, uma assembleia dos moradores, saiu um ofício com as reivindicações mais imediatas, por exemplo, fornecer um laudo técnico que comprove que não há risco estrutural no edifício, instalar alarme de incêndio, fazer treinamento dos funcionários do prédio, estabelecer um protocolo de avisar os moradores em emergência. Tudo isso a gente colocou por escrito em 22 de setembro. O Hospital, até hoje, não respondeu. Tentamos marcar reunião, até com representante da Rede D'Or, que é dona da metade do Hospital Badim, não há interesse por parte deles em solucionar nenhuma dessas questões. Alguns moradores saíram de casa e não voltaram porque o prédio tem rachaduras e eles têm medo de que haja algum risco.

Oficiamos a Defesa Civil para fornecer um laudo, para fazer uma vistoria no edifício, porque os moradores estão preocupados. A Defesa Civil não fez ainda essa vistoria, que me parece que seria bastante importante.

Eu queria trazer, da ótica da Defensoria Pública, não só a responsabilidade pelos que faleceram e pelos que sofreram danos, parece evidente. O Hospital não fez acordo com todos. Eles disseram que estão negociando. Algumas pessoas já começaram a acionar judicialmente, já existem dois processos e a gente não está vendo uma predisposição. Não sei qual a situação das famílias que estão aqui, mas não há uma predisposição do Hospital em fazer essa reparação imediata.

Querida também trazer a questão desse edifício porque são muitas famílias, é um prédio de sete, oito andares; são famílias que não são abastadas, são famílias de classe média baixa; muitos idosos. Então, desde o dia do incêndio, a gente está buscando junto ao Hospital soluções mínimas e imediatas que não seriam nem custosas - instalação de alarme, fazer notificação, informações aos moradores, treinamento, a questão das rachaduras, do encanamento que vazou na garagem, e o Hospital não tem prestado.

Eu fiquei até o final esperando que alguém dos Hospital viesse, porque a gente não tem conseguido esse contato. O Hospital não está respondendo, embora ele mande um advogado que não tem poderes e que não tem resolvido nada. Eu queria trazer a preocupação desse grupo de moradores para o âmbito desta CPI, porque talvez a gente consiga alguma solução. A situação é emergencial, não estamos nem falando em reparação financeira, mas do medo dos moradores, do risco. Os dois prédios estão interditados pela Defesa Civil e o prédio deles, que está no meio, não está interditado. A Defesa Civil não fez nenhuma vistoria. Eles não conseguem compreender como é que eu estou colado em dois prédios que estão interditados e o meu prédio não teve uma única vistoria.

Tem lixo hospitalar, o que está gerando uma proliferação de ratos, de bichos, e os dois prédios, como disse, são comunicantes.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Realmente, é mais uma terrível surpresa. A gente tem a informação de que o diretor já estava na Presidente Vargas, está chegando. Se a senhora quiser ficar, vai ser importante, assim como eu indiquei, caso seja possível, a 18ª ficar. Eu não sei se como é que funciona isso na Lei Orgânica do Município, como um edifício residencial se transforma, óbvio que existem edifícios residenciais/comerciais.

A SRA. CÍNTIA GUEDES - É, me parece que ele tem autorização para ser um edifício misto. Mas não sei se para funcionar como Hospital.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Mas eu não sei se o comercial é Hospital. É uma situação diferente.

A SRA. TIA JU - Ele era comercial, essa parte, pelo que entendi, que foi adquirida pelo Hospital, era uma parte comercial. Diferente de hospitalar.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Mas comercial no fato de comércio mesmo.

A SRA. TIA JU - De lojas.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - De loja e tudo o mais.

O SR. RODRIGO AMORIM - Sr. Presidente, aquela área, me perdoem aqui, só a explicação, aquela área, de fato, ali na São Francisco Xavier, inúmeros edifícios, eles têm no andar térreo ou na sobreloja uma loja, um depósito, enfim, inclusive, há um mercado que funciona logo depois, tudo o mais.

Agora, não para servir para funcionar como uma servidão de passagem, para funcionar um Hospital. Então, é importante que a gente tenha - e aqui eu faço mais uma vez esse apelo a essa Comissão - uma especial atenção no que se refere às licenças, alvarás de funcionamento, e sobretudo as condições de funcionamento, daí a importância desta interlocução com o Poder Público Municipal. Acho extremamente relevante que nós possamos atuar nesse sentido porque é mais um absurdo trazido aqui.

A SRA. TIA JU - E se o térreo faz parte da ligação desse Hospital, de fato, esse prédio precisa passar por vistoria, por análise, porque ele sofreu ...

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Muda toda a estrutura do prédio.

A SRA. TIA JU - É muda tudo.

A SRA. CÍNTIA GUEDES - E o risco de um incêndio no Hospital é muito maior do que o risco numa loja comercial ou num prédio residencial.

A SRA. TIA JU - Exatamente. Então, seria outra solicitação desta Comissão de exigir, pasmem os Senhores, aqui nossos colegas, que o Hospital não ouvindo nem a Defensoria Pública, uma solicitação da Defensoria Pública.

O SR. RODRIGO AMORIM - Deputada Tia Ju, não sei se a Defensoria tem acesso a isso, mas também a questão muito bem lembrada aqui, da questão sanitária.

A SRA. TIA JU - Exatamente.

O SR. RODRIGO AMORIM - Estão passando ali doentes, lixo hospitalar, numa via só.

A SRA. TIA JU - Também.

O SR. RODRIGO AMORIM - E parabenizar o trabalho da Defensoria Pública, sempre que em a oportunidade, sempre faço aqui, estendo os cumprimentos ao Defensor Público Geral, Dr. Rodrigo, e é sempre muito gratificante para nós receber a Defensoria Pública aqui, que tem sido uma grande parceira nesta Casa, e é uma instituição que nós respeitamos muito.

A SRA. CÍNTIA GUEDES - Obrigada.

A SRA. TIA JU - E essa informação foi muito valiosa para a gente.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Com certeza.

A SRA. TIA JU - Parabéns pelo trabalho.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Infelizmente, a gente não tem o representante aqui do MP, porque tem uma ação civil pública por ato de improbidade administrativa, com pedido de tutela antecipada, junto ao Corpo de Bombeiros e ao Secretário Roberto Robadey Costa Júnior, ainda na gestão do ex-Governador Luiz Fernando de Souza Pezão. Gostaria de saber como é que ficou esse processo, porque eu estava lendo aqui, rapidamente, o pedido de improbidade, e a gente está falando aqui hoje de algo, que já era falado lá atrás, e nada foi feito. É engraçado, a gente, parece que se esquecem das coisas, vão ao vento, e aí daqui a pouco acontece de novo, aí vai se fazer a mesma coisa, se reúne todo mundo e tudo o mais. Então, a gente, de alguma forma, tem que extrair daqui algo produtivo para a sociedade fluminense, porque não dá mais para a gente todo mês, porque agora virou rotina, todo mês tem um acontecimento desse desastroso no Estado do Rio de Janeiro.

Enquanto não chega o representante do Hospital, quero ouvir os mais afetados, infelizmente, que perderam os seus familiares, que são os familiares da Sra. Berta Gonçalves, do Sr. Virgílio Claudino e o pai do Sr. Alexandre Coutinho, é isso: Paulo Coutinho.

Então, eu vou passar, primeiro para a Sra. Ivanil Claudino. A Sra tem a palavra. Boa tarde e desculpe pela sessão tão demorada.

O SR. RODRIGO AMORIM - Só ressaltando, Sr. Presidente, que já passaram das duas horas.

A SRA. IVANIL CLAUDINO DA SILVA CALDINO - É o desespero, é a falta de forças para continuar lutando, porque foi muito desesperador. O meu irmão deu entrada com um AVC, no dia 28 de junho. No dia 29, ele bronco aspirou por falta de assistência pessoal,

porque ele queria tomar o café da manhã e não tinha ninguém. Ele, com o braço imobilizado por causa dos fios, e do AVC, que pegou no braço esquerdo. Então, quando ele foi tentar se alimentar sozinho, ele bronco aspirou. Imediatamente, eles o puseram em coma induzido, estado do qual ele não voltava de jeito nenhum. Mas é prática do Hospital, todo mundo que chega lá, imediatamente, eles jogam no CTI. Por quê? Porque o CTI fornece maior, financeiramente para eles, e não tem assistência. Eles não têm assistência para botar qualquer paciente em CTI. Porque eu cansava de brigar. Toda vez que eu chegava lá, o meu irmão estava molhado com a secreção do braço, a pressão estava alta. Olha, sinceramente, foi um desespero. É uma falta de respeito. Aquilo ali tinha que ser interditado para o resto da vida, porque é uma coisa horrível.

As técnicas de Enfermagem entravam no quarto falando no celular e, às vezes, eu até confundia e pensava que estava falando comigo. Eu perguntava se estava falando comigo: "Não, estou falando no celular", entendeu? Era assim. Então, reclamavam comigo porque eu tinha que ficar em casa e estava estressada, cansada. Não. O meu lugar era do lado do meu irmão, como até hoje eu continuo lutando por ele. Sinceramente, estou decepcionada, além de falar da humanidade e deles também. Realmente, eles não têm o menor respeito, são negligentes. Olha, eu já não sei nem o que falar mais deles. Eles são uns infelizes.

Vocês não desculpem, mas eu estou revoltada. Eu não aguento. Até hoje, minha filha doente, porque ela me ajudava a dar assistência a ele e ela, coitada, está lá com uma depressão, que não consegue se levantar.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - O irmão da senhora veio a óbito no mesmo dia do incêndio ou ele foi transferido para um Hospital e depois veio a falecer?

A SRA. IVANIL CLAUDINO DA SILVA CALDINO - Não. No mesmo dia. Eu acredito que a legista, que é daqui...

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Dra. Gabriela.

A SRA. IVANIL CLAUDINO DA SILVA CALDINO - Quando tiraram os aparelhos, acho que ele foi um dos primeiros que vieram a óbito. Agora, um homem com 66 anos, entrou falando, só com um braço imobilizado e a perna também. Mas estava falando, ainda brincando com as técnicas de Enfermagem e, no dia seguinte, estava em coma induzido. Eu tenho inclusive fotos dele aqui, que mostram como ele entrou.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - A Comissão, se puder, pode tirar cópia, por favor.

A SRA. IVANIL CLAUDINO DA SILVA CALDINO - Olha, eu entrou assim. Ele entrou assim, nesse estado aqui. No dia seguinte, estava assim. Eles começaram a matar o meu irmão da hora em que ele botou o pé lá.

O SR. RODRIGO AMORIM - A senhora me permite uma pergunta? O irmão da senhora - sou o primeiro a me solidarizar com a sua dor. Além disso, o irmão da senhora entrou por via de algum plano de saúde?

A SRA. IVANIL CLAUDINO DA SILVA CALDINO - Entrou. Pela Amil.

O SR. RODRIGO AMORIM - O que a dona Ivanil traz aqui é algo muito sério e não é a primeira vez que eu escuto esse tipo de relato, em relação ao Hospital Badim, antes da tragédia. Inclusive com um familiar meu já aconteceu isso, alguns anos atrás. O Hospital, reiteradas vezes, leva, sem necessidade, o paciente. No momento de dor, a família, consternada, não sabe se efetivamente precisa ou não. Quem vai discutir se um familiar deve ou não ir para um CTI? Pelo contrário. A família agradece e fica satisfeita de o paciente estar ali sendo coberto com todas as cautelas necessárias. Quem vai questionar isso?

Agora, não é a primeira vez que é relatado. Então, acho importante que todo o plano de saúde tenha um setor de auditorias médicas. Então, é importante, Sr. Presidente, que nós também... e aí podemos utilizar aqui como paradigma, como exemplo, o irmão da Sra. Ivanil no sentido de questionarmos o plano de saúde se tinha conhecimento das práticas do Hospital no sentido de levar em vão, sem necessidade, simplesmente com a ganância de querer lucrar mais e faturar do plano de saúde ou do particular, porque todos nós sabemos que uma diária no CTI é muito mais cara do que uma internação tradicional, se esse era um hábito comum do Hospital, porque, mais uma vez, ao meu ver, caracteriza a desídia, a forma de ação do Hospital gananciosa, ilegal. Então é importante que a gente também, com base no relato da Sra. Ivanil, questione ao setor de auditoria, no caso específico da Amil, no caso específico do irmão dela, mas também se havia registro de procedimentos de auditoria junto ao plano de saúde no sentido de questionar as internações no CTI por parte do Hospital Badim.

A SRA. TIA JU - Eu queria aproveitar, Sr. Presidente, solidarizar com a sua dor. A gente, eu tenho pai também, e mãe, que sofreram de AVCs e volta e meia tinham dado entrada em hospitais - não é aqui no Rio - mas são práticas constantes em diversos hospitais espalhados pelo Brasil. Então o relato dela de fato reforçando aí o encaminhamento do Deputado Rodrigo Amorim.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Deputado Rodrigo, a gente delibera isso, assim como os demais junto, e vou também remeter à Comissão de Saúde que faça essa, talvez uma oitiva, enfim...

O SR. RODRIGO AMORIM - Excelente.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - ...que talvez seja a comissão mais apropriada para tratar desse tema.

O SR. RODRIGO AMORIM - Excelente. Brilhantemente conduzida pela Deputada Marta Rocha, excelente.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Exato.

A Sra. Ivanil quer falar mais alguma coisa? A gente percebe que o irmão da senhora entrou lúcido, entrou... de alguma forma podendo falar sobre si e depois, no dia seguinte, a senhora falou que ele já estava em coma induzido, não é?

A SRA. IVANIL CLAUDINO DA SILVA - É, ele entrou 4h da manhã, mais ou menos de sábado. Aí quando chegou sábado à noite que eu levei meu sobrinho para poder tentar entrar para vê-lo, ele já tinha sido transferido sem a minha autorização, sem autorização da acompanhante dele. E aí quando eu briguei, porque ela não queria deixar meu sobrinho subir, que era o que estava aqui comigo, ele estava sentindo mal, ele saiu, eu pedi e falei: "Mas como que você não vai deixar ele ver?" "Não, não vou deixar." "Vai deixar. Vai deixar porque senão a coisa vai ficar feia, porque eu não autorizei, ninguém autorizou botar ele no CTI, que conversa é essa?" Aí ela deixou duas pessoas., Subiu minha filha e meu sobrinho.

Aí, quando foi no dia seguinte, que ele já estava lá tal CTI deles, não tinha ninguém para dar o café dele, ele tem um braço ruim e tal, tal... Aí foi tomar um café, ainda deitado, bronco aspirou. Lógico, não tinha ninguém para ajudar. E é prática normal.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - O laudo de óbito do irmão da senhora, o que diz que foi a causa do óbito?

A SRA. IVANIL CLAUDINO DA SILVA - Foi embolia maciça.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Certo. O Hospital Badim auxiliou a senhora em alguma questão no que tange ao enterro, ao...

A SRA. IVANIL CLAUDINO DA SILVA - Não, não porque meu irmão tinha seguro de vida que cobriu.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Logo após isso o Hospital entrou em contato com...

O SR. RODRIGO AMORIM - Sr. Presidente...

A SRA. IVANIL CLAUDINO DA SILVA - Não.

O SR. RODRIGO AMORIM - ...ainda que a vítima tenha utilizado o seu próprio seguro, mas o Hospital ofereceu algum tipo de auxílio?

A SRA. IVANIL CLAUDINO DA SILVA - Não.

O SR. RODRIGO AMORIM - Entrou em contato com a família?

A SRA. IVANIL CLAUDINO DA SILVA - Não, não.

O SR. RODRIGO AMORIM - Se solidarizou?

A SRA. IVANIL CLAUDINO DA SILVA - Não, não.

O SR. RODRIGO AMORIM - Tentou estar ao lado, atenuar a dor?

A SRA. IVANIL CLAUDINO DA SILVA - Nem para ligar para dizer: Olha, desculpa, foi uma casualidade(?) nada disso. É como se fosse, tivesse matado uma planta, porque nem o cachorro porque a gente tem estima... ia dar satisfação. Mas não, eles não foram solidários em nada. E continua até hoje.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Até hoje não entrou em contato com a senhora?

A SRA. IVANIL CLAUDINO DA SILVA - Não. Para quê?

O SR. JORGE FELIPPE NETO (?) - Mas seu irmão faleceu nesta questão do incêndio, não?

A SRA. IVANIL CLAUDINO DA SILVA - Foi. Meu irmão, acho que foi o segundo ou o terceiro a ir para necrópsia, né? Foi no mesmo dia. Eu cheguei lá eram quase seis horas, perguntando cadê? Cadê? Ah, está aqui, está ali. Foi para o Israelita, foi para o Quinta D'Or, foi não sei para onde, para a China.

O SR. RODRIGO AMORIM - Qual o nome do irmão da senhora?

A SRA. IVANIL CLAUDINO DA SILVA - Virgílio Claudino da Silva. E eu correndo de um lado para o outro, já passando mal, eu, uma senhora... Olha, sinceramente... Enfim, vamos lutar.

Obrigada por vocês terem me ouvido. Desculpe, eu estou realmente muito nervosa. Às vezes me faltam até as palavras.

A SRA. TIA JU - Licença, Sr. Presidente, vou quebrar o protocolo, mas eu vou fazer algo que eu gosto de fazer, porque eu acho que é importante, que é um abraço.

A SRA. IVANIL CLAUDINO DA SILVA - Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Parabéns, Deputada.

Sinta-se abraçada por todos nós.

Gostaria de passar a palavra para o Sr. Carlos Outerelo. Sr. Carlos, por favor, compartilhe conosco como foi a questão da Sra. Berta Gonçalves Barreiro de Souza. O senhor, por favor, poderia passar para nós?

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUSA OUTERELO - Inicialmente, obrigado pelo convite por estar aqui.

Minha mãe deixou sete filhos, 14 netos e sete bisnetos. Ela internou para fazer um procedimento que ela já havia feito em um Hospital da própria rede deles, Copa D'Or. Era um procedimento que ela entrou em um dia e saiu no outro. E, aí, por indicação de um outro médico, ela foi para o Badim fazer esse mesmo procedimento.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Qual era o procedimento?

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUSA OUTERELO - Ela contraiu uma infecção no útero e o útero aumenta. Então, a nossa opção foi em não fazer a retirada do útero porque a recuperação seria um pouco mais danosa.

Bem, aí, entrou, foi fazer o procedimento. Imediatamente começou a... pegou uma bactéria, pegou uma pneumonia, consequentemente, segundo relato, foi para o CTI, uma coisa que seria simples se tornou complicada.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Ela já estava com infecção quando...

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUSA OUTERELO - Ela foi para fazer esse procedimento. Esse procedimento já havia sido feito há um ano, em um Hospital da rede deles mesmo, que é o Copa D'Or em Copacabana, Copa Star, em Copacabana.

Eu vou dar o relato porque eu estava lá. Eu era acompanhante da minha mãe no momento do incêndio. Então, eu acompanhei no momento em que faltou luz. Faltou luz parcial. Parte de um equipamento ficou acesa, outra parte desligou. Eu imediatamente saí para saber o que tinha ocorrido. Aí, falaram que estava sob controle, que daqui a pouco ia voltar. Sim, voltou. Isso era por volta de cinco e meia. Por coincidência era o horário que supostamente desligavam a luz para botar o gerador. Isso é sob hipótese, não estou afirmando. Faltou luz. Quando a luz voltou, apareceu um cheiro de fumaça, um cheiro de queimado, mas um cheiro de queimado assim tipo de fio, um cheiro. Aí, eu saí, porque eu estava no box, eu estava no box 3, saí, estava em frente a enfermagem e falei: "Gente, está um cheiro de - na volta do retorno da luz - está um cheiro de alguma coisa queimando". O que me foi dito? "Não fique preocupado, que a manutenção.... Já está tudo sob controle". Bem, a luz voltou. Nisso que a luz retornou, esse cheiro modificou, passou a ser um cheiro diferente. Novamente eu saí e falei: "Gente, tem um cheiro, agora, um cheiro diferente, mais incomodativo. Tem que ver". "Tudo sob controle. Vai para o box e fecha". Não deu dez minutos, começou a sair uma fumaça pelo duto do ar condicionado, inicialmente uma fumaça branca, clara.

Eu acho que ali, a partir do momento do cheiro, já era para começar o procedimento de tirar as pessoas ou fazer algum movimento para que minimizasse aquele sofrimento das pessoas, porque começou a entrar fumaça, começou a entrar fumaça e demorou muito, muito mesmo a se tomar uma atitude. Eu não sei quem é essa pessoa que teria o poder para fazer isso, de mandar evacuar.

Eu sei que a primeira ordem foi o seguinte: "Entra no box e fecha tudo". Bom, isso tornou-se inócuo(?) porque a fumaça assim como saída para o duto e entrava lá também. Logo depois, veio uma nova "abre tudo, porque a gente vai abrir..." Inclusive a porta cortafogo, inclusive a porta corta-fogo foi aberta. Ou seja, a fumaça se dissipou, foi para tudo quanto é lado.

E essa fumaça, ela modificou a cor.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Quem abriu essa porta corta-fogo?

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUSA OUTERELO - A ordem foi das enfermeiras. Eu não sei quem abriu, porque...

O SR. RODRIGO AMORIM - Ou seja, Sr. Presidente, treinamento zero para evacuação...

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUSA OUTERELO - Exatamente.

O SR. RODRIGO AMORIM - ...para tumulto, para crise, para incêndio, para pânico.

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUSA OUTERELO - Não tinha, não tinha.

O SR. ALEXANDRE KNOPLOCH - Primeiro pediram, primeiro pediram...

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUSA OUTERELO - Não houve comando, não houve comando nenhum.

O SR. ALEXANDRE KNOPLOCH - Primeiro pediram ao senhor para entrar no box...

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUSA OUTERELO - E fechar o box. Era uma porta de correr.

O SR. ALEXANDRE KNOPLOCH - E depois, abre...

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUSA OUTERELO - Depois, abrir para tentar fazer... E abrir tudo.

O SR. ALEXANDRE KNOPLOCH - Nenhum momento o senhor chegou a perceber se aquela janela da onde - é sua mãe, não é isso?

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUSA OUTERELO - Minha mãe.

O SR. ALEXANDRE KNOPLOCH - ...sua mãe estava, foi aberta?

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUSA OUTERELO - Não, não foi em momento algum, só ficamos eu e minha mãe, ninguém chegou lá. E uma enfermeira que me ajudou muito, inicialmente, tá?

E depois começou a fumaça a modificar de cor, saindo uma fumaça em giros, uma fumaça negra, totalmente. O cheiro já era diferente porque aquilo era monóxido de carbono porque era, supostamente, do gerador. Então, o cheiro já estava começando a incomodar e onde eu estava, eu já não conseguia ver o fundo do corredor. Foi aí que começaram a fazer movimentações na correria, na correria.

Aí, os bombeiros, depois que chegaram, começaram a tentar a tirar as pessoas dos cantos, mas muito difícil. A minha mãe, para vocês terem uma ideia, quando chegou alguém para tentar ajudar a gente, estava eu e uma enfermeira, chegou um Bombeiro, aí minha mãe não estava entubada, estava só com um acesso profundo na femoral, ou seja, eu não poderia tirar aquele acesso nem a própria enfermeira porque, e ela morreria da mesma forma. Então, o que que eu pedi para fazer? Aí, falaram o seguinte, a conversa foi a seguinte: "Vamos buscar uma maca." Aí, a minha pergunta imediatamente foi